



XI Congresso Português de Sociologia  
*Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e  
populismos num mundo efervescente*  
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

**Secção/Área temática**  
**Sociologia da Religião**

## **Tradição e Ressignificação Religiosa na Umbanda: um estudo sociológico entre Brasil e Portugal**

**GENTILINI, Maria Augusta**, Universidade da Beira Interior  
**RODRIGUES, Donizete**, Universidade da Beira Interior

### **Resumo**

Inserida no campo da Sociologia da Religião, esta pesquisa objetiva contribuir para uma maior compreensão, teórica do processo de inserção da Umbanda na sociedade portuguesa e de que forma a sociedade portuguesa se apropria desta prática religiosa. O estudo foca na dimensão social da religião (sua aderência na comunidade portuguesa a partir da visão brasileira) e na dimensão religiosa da sociedade (sua configuração no Brasil multi-religioso em comparação com o tradicional e hegemónico perfil cristão católico majoritário em Portugal). Um dos aspectos a ser realçado na investigação é a membresia, ou seja, quem são os seguidores/praticantes das práticas umbandistas em Portugal, nomeadamente os imigrantes brasileiros e os nacionais. Quais são as especificidades das práticas religiosas adotadas por estes dois grupos, ou seja, de que forma se apropriam e ressignificam a prática religiosa umbandista.

Palavras-chave: Umbanda, Sociologia, Religião, Imigração

XI-APS-15214



## **A pesquisa**

Ao envolver diferentes eixos de pesquisa, a partir da etnografia, da análise social do comportamento religioso dos sujeitos investigados e das origens dessas pertencas, práticas e vivências, estamos contribuindo com o campo da Sociologia da Religião, da Sociologia da Cultura, da Antropologia e da História, alargando, desta forma, os horizontes do conhecimento científico do fenómeno religioso em Portugal.

No contexto brasileiro, os estudos realizados, nomeadamente pela História, Antropologia e Sociologia, produziram sólidas explanações sobre as origens e transformações pelas quais a religião passou e, principalmente, o papel do enorme pluralismo religioso na construção identitária brasileira. É neste cenário que surgem os estudos sobre a Umbanda. Em sua forma mais elementar, esta religião brasileira, de forte matriz africana e indígena, manifesta uma visão sincrética e híbrida de diferentes perspectivas religiosas originárias de diferentes visões de mundo.

Essa realidade suscita certas indagações sociológicas: de que forma a Umbanda brasileira, marcada pelo hibridismo cultural, ressignifica as tradições religiosas africanas (animistas) e europeias (cristãs)? No seu processo diaspórico, por que a Umbanda teve aderência em Portugal? Quais elementos culturais produziram tais traços identificadores e agregadores? Aconteceu o mesmo em outros países da Europa?

A partir de um viés sociológico da religião no Brasil e em Portugal, os objetivos estabelecidos nesta pesquisa consistiram em estudar a tradição e o processo de ressignificação religiosa na Umbanda portuguesa a partir da análise comparativa da tradição e das práticas umbandistas nos dois países, tentando compreender se a aderência da Umbanda em Portugal não aconteceu apenas por intercâmbio cultural, mas também pela conexão com a memória religiosa coletiva destas duas sociedades.

Através de dados empíricos-etnográficos obtidos entre os praticantes de Umbandas nas áreas metropolitanas do Porto e em Aveiro, verificamos que a aderência a esta religião pelos nacionais vai muito mais pelo caminho da matriz religiosa medieval portuguesa, e mesmo pela remota ligação com a ocupação celta lusitana da região geográfica que hoje denomina-se Portugal, associado à magia e encantarias, do que pela assimilação sociocultural desta prática religiosa de origem brasileira como citamos a princípio.

Percebemos que a forma como a memória religiosa portuguesa percebe e revive a Umbanda como prática de fundo medieval - ou até mesmo pré-cristã-católica – facilitou

a aceitação deste culto e o processo de ressignificação religiosa, demonstrando que, em tese, a mentalidade sociológica de uma comunidade é capaz de preservar uma memória ancestral coletiva e dela fazer uso para validar ou justificar seu comportamento coletivo e, muitas vezes, a sua coesão social.

Com base em teorias e conceitos da Sociologia da religião, a pesquisa (em andamento) incidiu sobre a construção histórica da memória coletiva, a tradição (de matriz africana-brasileira) e o processo de ressignificação religiosa na Umbanda em Portugal. Para isso, utilizou, para além dos referenciais teóricos de Durkheim (1973) e Bourdieu (2011), outros grandes contributos fornecidos por Bastide (1989), Birman (1985), Camargo (1961), Capone (2004), Rodrigues (2007), Saraiva (2007/2008/2009/2010), Verger (1974/2001), entre outros.

Para Durkheim (1973), não existia religião que fosse falsa, pois, mesmo que de formas distintas, todas as religiões atendiam as condições dadas da existência humana em sua necessidade. Bourdieu (2011) compreendia que a sociedade estava organizada em diferentes campos e que os mesmos não são estáticos, mas dinâmicos, sendo historicamente transformados. Neste sentido, devemos investigar as mudanças e transformações pelas quais tem passado o campo religioso em suas multifacetadas esferas. Bastide (1971) reconheceu o nascimento da religião umbandista no Brasil como sendo de caráter político e social e não meramente religioso, pois objetivaria um movimento maior de transformação global da sociedade propiciando a atualização religiosa de grupos sociais marginais que acabariam por ver na Umbanda uma oportunidade de reorganização.

Com relação aos movimentos de criação e fixação das Umbandas em território português, estes foram estudados por vários autores e em diferentes perspectivas. É de realçar a perspectiva de Pordeus Jr. (2000; 2009) e os trabalhos de Birman (1985), Monteiro (1985), Brown (1999), Capone (2004) e Bahia (2017). Segundo estes autores, há três grupos que marcaram a entrada da Umbanda em Portugal: o primeiro, são os portugueses emigrantes que tomaram contato com as religiões brasileiras e que, ao retornar, fundaram suas próprias casas ou passaram a dar atendimentos; um segundo grupo, formado por imigrantes brasileiros que voltam a exercer em Portugal a função assumida em casas no Brasil; por fim, o caso ilustrado por Pordeus Jr. (2009), que são os brasileiros que vêm a Portugal, dão consultas e voltam para o Brasil, sem criar em

torno de si comunidades religiosas duradouras, mantendo ativo porém o vínculo social ali estabelecido.

Também as influências vindas da relação colonial com países africanos - e o forte laço com o Brasil – estabelece em Portugal uma dicotomia entre práticas externas e práticas locais, provocando um questionamento sobre a legitimidade dos cultos umbandistas praticados pelos portugueses (Saraiva, 2007).

Durante a revisão da literatura, constatamos que as variantes das religiões afro-brasileiras que se encontram em Portugal reproduzem o cenário de tensão, crítica e questionamento de seus cultos tanto quanto no Brasil. Como fato social, resultante de múltiplas influências religiosas, a umbanda brasileira intersecciona distintas doutrinas: Para Pierre Verger (1999), fica claro que a Umbanda é uma religião constituída pela sociedade brasileira e que seu caráter universalista inclui influências vindas da África, da Igreja Católica romana, do espiritismo francês, das comunidades indígenas e até de religiões e práticas religiosas orientalistas. Emerson Giumbelli (2002), propõe a ideia de um movimento social coletivo, espalhado pelos vários Estados do Brasil e concentrado na região Sudeste a partir dos rituais denominados macumbas.

Embora esta possa se configurar como uma possibilidade acertada, há que se ter um certo cuidado, pois, como movimento social coletivo, estaria o mesmo subordinado às intempéries discursivas, tornando-se um objeto de fácil manipulação ideológica. A ideia de maior visibilidade nas ciências sociais é a defendida pelo sociólogo Roger Bastide (1971), cuja afirmação é de que a Umbanda teria surgido entre as décadas de 1920 e 1930 na região Sudeste do país como uma resposta à desagregação do africano a uma realidade urbana e industrial mais acentuadas e que não o favoreciam.

Independentemente de versões e discursos, a Umbanda é legitimamente brasileira, constituída enquanto património da nação e seus princípios e valores, ainda que influenciados por costumes diversos, conservam características próprias que refletem como a sociedade se organiza, se comporta e reage a intervenções externas, e estas características se moldaram à cultura portuguesa adquirindo novas nuances sem perder sua significação.

No que tange a metodologia adotada, recorreremos a observação participante, vastamente discutida e utilizada em investigações sociais, utilizando como referência Becker (1993), Brandão (1984) e Minayo (1994), ou seja, utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa, tentando utilizar as técnicas de pesquisa da participação encoberta

e da análise descritivo explicativa, necessárias para a execução de uma pesquisa científica, em suas possibilidades teóricas e epistemológicas.

No entanto fomos barrados pelo avanço pandêmico do COVID-19 durante todo o ano de 2020, o que inviabilizou o avanço da pesquisa e ao mesmo tempo nos permitiu o aprofundamento em outras técnicas de pesquisa como a Webnografia aplicada ao marketing digital, a ciberantropologia de Donna Haraway que estuda a reconstrução tecnológica do homem e prepara o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de “ser humano” em suas reconfigurações; e a etnografia digital, aqui adotada segundo o modelo referido por Fragoso (2011), enquanto exploração e expansão das possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, analisando o material postado e a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo acadêmico.

No que diz respeito à metodologia de construção da tese, esta está dividida em três capítulos: num primeiro momento, os fundamentos sociológicos da umbanda, tanto no Brasil foram retratados com o objetivo de explicar no que a mesma consiste e como sua tradição foi sociologicamente estabelecida.

Num segundo momento, apresentamos a desterritorialização das religiões brasileiras no contexto atual, procurando tratar da complexa questão da migração religiosa brasileira para Portugal, no que tange a Umbanda mais especificamente, embora aborde outras manifestações para fins de contextualização; explorando onde e como acontecem processos de ressignificação na sua assimilação pela sociedade portuguesa.

Para um terceiro momento, está em andamento uma análise sociológica do processo de construção da memória social portuguesa em relação à sua percepção da Umbanda como prática medieval - e/ou práticas até mais antigas, como as de origem celta lusitana - e que, ainda que não seja explícita, existe uma certa empatia pelo culto umbandista, por suas características e seus ritos o aproximarem de seus ancestrais históricos os levando a ressignificar uma memória social.

## **Nota**

Por decisão pessoal, a autora do texto escreve segundo o novo acordo ortográfico.

## Referências

- Bastide, R. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1989.
- Becker, H. S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.
- Birman, P. O que é Umbanda. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Bourdieu, P. Sobre o poder simbólico. In: Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico.
- Brandão, C. R. Participar-pesquisar: In: Brandão, C. R. (Ed.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Brown, D. Uma história da umbanda no Rio. In: BROWN, D. et al. Umbanda e política. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. pp. 9-42.
- Camargo, C. P. F. Kardecismo e Umbanda. São Paulo: Pioneira, 1961.
- Capone, S. A busca de África no Candomblé: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2004a.
- Chizzotti, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- Coulon, Alan. Etnometodologia. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995a.
- Durkheim, É. As formas elementares da vida Religiosa. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- Elias, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.
- Fragoso, S.; recuero, R; amaral, A. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011)
- Gil, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- Giumbelli, E. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, a. 9, n. 19, pp. 247-281, 2003.
- Hanguette, T. M. F. Metodologias qualitativas na Sociologia. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- Lakatos, E. M. Fundamentos de metodologia científica 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- Minayo, M. C. DE S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000.
- Montero, P. Da doença à desordem: a magia na Umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- Negrão, L. N. Entre a Cruz e a Encruzilhada. São Paulo: Edusp, 1996.

- Oro, A. P. A desterritorialização das religiões Afro-Americanas. *Horizontes Antropológicos*, Ano 1, n. 3, p. 69-79, 1995.
- Ortiz, R. A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- Pordeus JR., I. Lava-pés na Umbanda portuguesa. In: Congresso de Estudos Africanos do Mundo Ibérico. *África: Compreender Trajectos, Olhar o Futuro*, 5., 2006, Covilhã. Anais... Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006.
- Pordeus JR., I. Portugal em Transe. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2009.
- Pordeus JR., I. Uma casa luso-afro-brasileira com certeza: emigrações e metamorfoses da Umbanda em Portugal. São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- Rodrigues, D. Sociologia da Religião: uma introdução. Porto, Edições Afrontamento, 2007.
- Rodrigues, D. O antropólogo e o sagrado: trajetos etnográficos em contextos religiosos diferenciados. In: Silveira, E. S. DA (Ed.). *Como estudar as religiões: Metodologias e estratégias*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- Sanchis, P. As religiões dos brasileiros. *Horizonte*, v. 1, n. 2, pp. 28-43, 1997.
- Saraceni, R. Doutrina e teologia da Umbanda Sagrada. São Paulo: Madras, 2007.
- Saraiva, C. African and Brazilian altars in Lisbon: some considerations on the reconfigurations of the Portuguese religious field. In: Naro, N.; R. Sansi-Roca, R. and Treece, D. (Ed.). *Cultures of the lusophone black atlantic*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007, p. 175-196.
- Saraiva, C. Afro-Brazilian religions in Portugal: bruxos, priests and pais de santo. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 14, n. 2, p. 265-288, 2010c.
- Saraiva, C. Filhas de santo: rituais, terapias e diálogos afro-brasileiros em Portugal. In: HAVIK, P; SARAIVA, C. e TAVIM, J. A. (Org.). *Caminhos cruzados em história e antropologia. Estudos de homenagem a Jill Dias*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010b, p. 341-365.
- Seiblitiz, Z. A gira profana. In: Brown, D. et al. *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. pp. 122-154.
- Silveira, E. S. DA (Ed.). *Como estudar as religiões: Metodologias e estratégias*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- Simonetti, R. *Quem tem medo da morte*. Bauru: Cearc Editora, 2003.

Souza, S. D. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. Revista Estudos Feministas, volume 12, pp. 122-130, set. /dez. 2004.

Verger, P.F. Orixás: deuses Iorubás na África e no novo mundo. Salvador: Corrupio, 1999.

Weber, M. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: WEBER, M. Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. pp. 371-410.